

A CORRESPONDENCIA DO NORTE

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

1.º ANNO 1880

Annuncios
 Por linha..... 20 reis
 Repetições..... 10 "
 Communicados por linha..... 40 "
 Folha avulsa..... 40 "
 Os snrs. assignantes terão abatimento de 20 por cento nas suas publicações.

Quarta-feira 22 de Dezembro

Assignatura paga adiantada
 Para Braga, por trimestre..... 600 reis
 Para as provincias..... 680 "
 Para o Brazil por anno (moeda forte) 4400
 Escriptorio da redacção, RUA NOVA DE SOUSA N.º 24, 1.º andar.

NUMER 53 J

ASSUMPTOS POLITICOS

Braga 21 de Dezembro

Estado ecclesiastico do ultramar

OS SEMINARIOS

II

Os seminarios de que fallam os documentos [Cabo Verde, Loanda e India] tem uma organisação acanhadissima, inscientifica e pobre. Os seus resultados são insignificantes. Os professores são mal retribuidos. O quadro de estudos é principalmente absorvido pelo ensino ecclesiastico. A instrucção geral é pouco menos do que nulla. Ensino profissional não existe. É certo que a instrucção secularizada não é melhor. Na India a lingua portugueza deca e corrompe-se por maneira que dentro em pouco formará um dialecto barbaro e confuso. Sabem todos que o mesmo acontece em Moçambique, em Angola, em S. Thomé, em Cabo Verde.

A lingua é uma bella arma de assimilação politica, que temos abandonado, como todas as mais com que poderíamos ir

FOLHETIM

A carta do Joãozinho

João contava apenas seis. Tinha as calças rasgadas em ambos os joelhos; os cabellos louros e anellados, tão espessos e abundantes, que se podia com elles fazer dois penteados de senhora; uns olhos grandes, azues, que tentavam ás vezes sorrir, não obstante terem já chorado bastante; uma jaquetinha muito bem feita, toda e-farrapada; uma botina de mulher no pé direito, um sapato de homem no pé esquerdo, ambos muito compridos, muito largos e muito rôtos, adiante com as biqueiras abeitas, detraz sem tacões. N'aquelle corpo havia fome e frio, pois desde a vespera que não comia e era uma tarde de inverno, quando lhe occorreu ao pensamento escrever uma carta á virgem Maria.

Cumpre agora dizer-lhes como é que o Joãozinho escreveu a carta não sabendo ler nem escrever.

Em Paris, no bairro de Gros Caillou, á esquina de uma rua, perto da esplanada dos Invalidos, havia uma barraca de escrivão publico. N'esta especie de secretaria é costume fazer-se toda a qualidade de supplicas, memoriaes e requerimentos, quer os governos tenham como primeiro magistrado um rei, um imperador ou um presidente. N'estas repartições não ha modos de ver politicos.

O redactor era um velho soldado de mau humor, excellente creatura não tendo nada de beato nem de rico, e que soffrera a desgraça de não ficar sufficientemente estropeado para ser admitido no palacio dos Invalidos.

Joãozinho não fez mais do que isto: viu-o atravez dos vidros empoeirados da barraca a fumar no cachimbo á espera dos freguezes. Entrou e disse:

—Bons dias. Venho cá para escrever uma carta.

—Custa meio franco, respondem o tio Buan,

consolidando e alargando o nosso dominio colonial. Tendo sido o primeiro povo que revelou á Europa muitas das linguas africanas e asiaticas, não as conhecemos hoje. E precisavamos conhecel-as para que por ellas penetrasse a nossa civilisação e a nossa politica nas multidões mais ou menos sujeitas á nossa soberania ultramarina.

AS MISSÕES

III

Como n'ontros assumptos, não nos faltam n'este, nem as melhores tradições nem os mais generosos projectos. A realidade actual, porem, não corresponde a umas nem a outros. É desoladora.

Como já o disse, recentemente, a sociedade de geographia, a nossa situação relativamente a missões e a missionarios é perfeitamente singular.

A singularidade está n'isto:—não temos missões e não temos missionarios, no sentido e na applicação moderna da palavra.

Temos alguns, não muitos, catechistas que apostolizam o christianismo sob a forma mais rudimentar e antiga da propaganda religiosa: pregando. E n'alguns casos é muito discutivel ainda se elles apostolizam, ou se praticam apenas automaticamente as exterioridades e ritos da egreja.

Estações de civilisação, de ensino, de

trabalho culto, escolas praticas, rudimentares, da vida civilizada e christã não as temos. O nosso missionario o mais que chega a ser é padre, mas só padre:—diz, missa, catechisa, prega, quando prega, porque lá diz o arcebispo de Goa que encontrou muito missionario com dez annos de residencia n'um ponto que nunca pregara porque não lograra aprender a lingua dominante da terra:—baptisa e crê ter convertido quando baptisou;—fulmina os feitiços, as superstições, mas não as annulla, não as arranca da consciencia obscurecida do indigena, não sabe fazel-o, não pôde; e ainda assim é quando não se deixa penetrar d'estas, elle proprio, quando as não alimenta, como diz o governador de S. Thomé que acontece com os padres indigenas d'aquelle provincia; exemplifica, ás vezes uma vida de isenção mundana, quando não se desbraga n'aquellas torpezas que descreve um governador de Angola; sabe um pouco de latin, alguma theologia; falla e ensina um portuguez duvidoso, mas não estudou hygieanne, não conhece um officio mechanic, esquece facilmente os rudimentos truncados de sciencias naturaes que lhe ensinaram como preceptorio legal, nunca pegou talvez n'um barometro, n'uma bussola, n'uma espingarda, não sabe como se afieira um madeiro, como se roteia um terreno, como se determina uma altitude;—não tem noções positivas, seguras da vida real, pratica; da industria,

do commercio, da civilisação moderna, ou se as tem são geralmente falsas, inconvenientes.

Em summa, é necessario crear o missionario; porque a verdade é que o não temos. Os nossos vastissimos territorios ultramarinos estão sen do invadidos e cruzados por missões estrangeiras, algumas d'ellas formalmente hostis á religião que o estado diz ser a sua, quasi todas representantes, consciente ou inconscientemente, d'um pensamento politico que nos não pode ser favoravel, e as nossas, as missões portuguezas da Guiné, do Congo, do Sombó, dos sertões de Angola, de Benguela, de Moçambique, existem, apenas na tradição.

Temos, porem, um collegio de missões que todos os annos envia para a Africa alguns missionarios. Entre estes citam-se dedicções distinctas, homens aproveitaveis. Não faltam no nosso clero ultramarino bellas capacidades, muito patriotismo, um conhecimento exacto das nossas necessidades. Ha nos documentos examinados testemunhos de sciencia, de iniciativa generosa, de conselho previdente e judicioso que honram esse desgraçado clero. Uma natural delicadeza lhe vem de especialisação.

Esses documentos não se referem particularmente ao collegio de Sernache, aos seus processos, aos seus resultados. Podemos aguardar outros que lhe digam respeito, se quereis. Por mim dispenso-os.

É necessario saber-se que este bravo que comprehendia em sua pessoa a decima millesima parte da gloria seductora de um machal de França, chamava-se Buan. O Joãozinho, como não tinha bonet, não o pôde tirar, mas disse com delicadeza:

—N'esse caso desculpe.

E abriu a porta para sabir, mas o tio Buan sympathisou com a sua phisonomia insinuante e perguntou-lhe:

—E's filho de militar, rapazito?

—Nada, não senhor, respondeu o Joãozinho. Sou filho da mamã que ficou sózinha.

—Está bom, proseguiu o escrivão, isso já eu sabia e não tens meio franco?

—Não tenho dinheiro algum.

—A mamã tambem não tem? Está claro: queres uma carta para vêres se te dão alguma coisa para comer, não é assim, rapazola?

—E' tal qual!

—Approxima-te. Por escrever dez linhas e por causa de uma folha de papel nem por isso ficarei mais pobre.

Joãozinho obedeceu. O tio Buan endireitou o papel, molhou a penna no tinteiro, e com uma bonita letra de quartel mestre escreveu: Paris, 17 de janeiro de 1857.

Depois, mais abaixo, n'outra linha: Senhor...—Como se chama elle bibi?

—Quem? perguntou Joãozinho.

—Ora, quem! O tal sujeito.

—Qual sujeito?

—O tal a quem queres pedir.

Joãozinho d'esta vez comprehendeu, e explicou:

—Não é um sujeito.

—Bom!...Então é uma senhora?

—E'...nada, não senhor, não é...eu lhe digo...

—Irreal! Pois tu não sabes ao menos a quem queres escrever?

—Ah! sei.

—O Joãozinho estava muito córado! E' verdade que não é lá muito agradável dirigir-se a gente a um escrivão publico para uma correspondencia tão melindrosa. Mas encheu-se todo de coragem, e disse:

—E' á virgem santissima que eu quero mandar uma carta.

O tio Buan não riu. Depoz a penna sobre a mesa, e tirou o cachimbo da bocca.

—O' garoto, disse com severidade, não posso convencer-me de que se te mettesses em cabeça zombar de um velho. Ainda és muito pequeno para que eu te bata. Vamos, meia volta á direita! Ao fresco, meu amigo.

O Joãozinho obedeceu e voltou-se para a porta, mas ao vê-lo tão docil, o tio Buan mudou de resolução pela segunda vez, e poz-se a olhar para elle.

—Com mil demonios! Muita miseria ha n'este Paris...Como te chamas tu, pequenote?

—João.

—João, e que mais?

—João e mais nada.

—O tio Buan sentiu humedecerem-se-lhe os olhos, e affagando a creança, interrogou.

—E que queres tu dizer á tal virgem santissima?

—Quero dizer-lhe que a mamã está a dormir desde hontem á tardinha, e que me faça o favor de a acordar, porque eu não posso.

O velho soldado sentiu apertar-se-lhe a coração e temeu comprehender. Todavia, continuou a perguntar.

—Porque fallavas tu ha pouco em comer?

—Porque era preciso. A mamã tinha-me dado o ultimo bocado de pão antes de adormecer.

—E ella, o que comeu?

—Ha dois dias que declarára: não tenho fome.

—Como fizeste para a acordar?

—O que faço sempre, beijei-a.

—Respirava?

Joãozinho sorriu graciosamente. O sorriso tornava-o adoravel.

—Eu cá não sei. Então a gente não respira sempre?

O tio Buan voltou o rosto. Duas grossas lagrimas rolavam-lhe silenciosamente pelas faces. Não respondeu á ingenua pergunta do

pequeno, e disse com a voz um pouco tremula.

—Quando a beijaste não notaste nada?

—Notei... Estava fria... Faz tanto frio lá em casa!

—E ella tremia, não é assim?

—Nada, não... Estava linda, linda!

As mãos não mechiam, crusadas sobre o peito, e tão brancas! Tinha a cabeça toda deitada para traz, quasi fóra do traveseiro, de forma que, com os olhos meos cerrados, parecia estar a olhar para o ceu.

O tio Buan meditava.

—Tenho invejado os ricos, eu, que sempre tive que comer e beber... E esta morreu de fome... de fome!

Acariciou a creança, sentou-a no collo, e com extrema doçura.

—A tua carta, Joãozinho, já foi escripta, enviada e recebida. Leva-me a tua casa.

—Levo, levo; mas por que está a chorar?

perguntou elle admirado.

—Eu não estou a chorar, respondeu o encaçado soldado, abraçando-o e inundando-o de lagrimas: então um homem chora lá!... Tu é que vaes chorar querido filho... Amo-te mais do que se fosse teu pae... Não sei como isto é. Olha cá; eu tambem tinha mãe... Ha já muito tempo certamente. Parece-me estar a vel-a, deitada na cama, a dizer-me quando parti: Buan, sé hourado e bom christão. A imagem da virgem, que ali estava presente, parecia sorrir para mim. Quanto a ser hourado, tenho-o sido, mas bom christão...

Levantou-se conservando sempre a creança nos braços e accrescentou como se fallasse com alguém que não estava ali:

—Mãe, minha boa mãe, deves estar satisfeita. Os amigos podem zombar se quizerem. Quero ir aonde tu estas, levante a creança, pobre anjo que nunca mais largarei, por que a tal carta, que nem sequer chegou a ser escripta, nem por isso deixou de produzir um duplo effeito: a ella deu-lhe um pae, e a mim um coração.

Paulo Féral.

Esse collegio é, em these, um bom estabelecimento. A sua direcção é intelligentissima, dedicada, idonea.

Mas não pode produzir, nas circumstancias presentes, numero sufficiente de missionarios verdadeiros, como hoje os queremos e comprehendemos, como os das numerosas missões inglezas, francezas, italia- nas, etc. E incontroverso.

Como recruta os seus alumnos?

O que lhes insina?

Quantos missionarios produz?

A resposta é facil e decisiva.

Ha nos documentos notaveis indicações sobre a necessidade das missões e sobre os meios de obter missionarios.

Um projecto que chegou a ser transformado em projecto de lei, creava definitivamente as missões em Africa, dotava as, estabelecia os meios d'ellas se constituirem.

Infelizmente, este como outros, nada ou quasi nada fixava relativamente á preparação e dotação instructiva e educativa do missionario. Provavelmente continuaria a ser um catechista, um cura de almas. Ora o missionario tem de ser tambem cura de corpos.

Missionar não é só christianisar;—é civilisar christianizando.

O apostolo das gentes escrevia aos corinthios que elle não lhes podia fallar como a espiritos porque eram ainda «carne».

Synthesemos as impressões colhidas nos documentos seguidamente indicados em escrupuloso extracto:

1. E' necessario refundir e reformar inteiramente a Igreja ultramarina portugueza na sua organização externa, na sua dotação e no seu pessoal.

2. E' necessario reformar inteiramente a organização e preparação educativa e instructiva do clero ultramarino, e consequentemente os estabelecimentos correlativos.

3. E' necessario restabelecer definitivamente a instituição das missões, attendendo á differença de condições impostas ao missionismo na Asia e na Africa e organisando desde já um systema provisorio de missões que funcione como ponto de encontro e concorrencia entre o clero nacional ou negociação com missionarios estrangeiros.

4. Convem estabelecer dois seminarios ou collegios centraes de preparação de clero ultramarino, um em Portugal e outro na India, e estabelecimentos dependentes ou annexos de preparatorios geraes.

5. Convem talvez promover a organização de uma grande associação de missões que por subscripção permanente de quotas minimas generalisada a todas as parochias, estabeleça um fundo e renda auxiliar das despesas que o estado terá de fazer com o serviço das missões.

Boletim das Salas

—Faz hoje annos a exm.ª sr.ª D. Julia de Magalhães Queiroz e Mello.

—Faz amanhã annos a exm.ª sr.ª D. Maria do Carmo Russel Soares d'Azevedo.

—Esteve em Braga o sr. João Borges Pacheco Pereira.

—Acaba de ser pedida em casamento por um cavalheiro da sociedade elegante portu- ense, uma menina pertencente a uma das mais distinctas familias de Guimarães.

—Parte hoje para Lisboa o sr. dr. José Maria Rodrigues de Carvalho, deputado da nação.

—Regressou do Porto o sr. Francisco Falcão Cotta de Bourbon e Menezes.

—Casa por estes dias em Vigo, com uma formosa dama d'aquella cidade, o sr. Ismael Oscar da Cunha, nosso conterraneo.

—Esteve em Braga o sr. Miguel da Cunha Velho Sotto-maior.

—Esteve n'esta cidade o sr. Thomaz de Miranda Sampaio.

—Regressou de Lisboa o sr. Barão de Pombeiro.

—Estão n'esta cidade o sr. José Casimiro Xavier Verissimo de Moraes e sua esposa a exm.ª sr. D. Maria Isabel Vianna Pedreira.

—Está em Braga o sr. Pereira Dias, capitão de engenheiros.

A *soirée* da Assembléa Bracarense mere- ce, por sem duvida, as honras de uma se- ção especial já que por absoluta falta de

espaço, e da nossa competencia, lhe não po- demos consagrar um modesto folhetim. Li- mitamo-nos, pois, a uma chronica despreten- ciosa, colhida n'uma ligeiros apontamentos, da nossa carteira.

Eram nove horas quando a orchestra da- va o signal para o *L. galop*, principiando assim aquella *soirée* que vinha constituir uma noite cheia de delicias e de recreação.

A casa apresentava-se gentilmente adorna- da, e tinha no todo um aspecto *chic* for- mado pela profusão dos lumes que se re- flectiam nos espelhos, e pela variedade das vistosas *toilettes* com que se ostentavam as exm.ª sras.ªs.

D. Thereza e D. Angelina Bartiandos—D. Ernestina Freire—D. Laura dos Prazeres Freire—D. Maria Eduarda de Noronha—D. Francisca de Noronha—D. Amalia Pinhei- ro—D. Rita Pimenta—D. Alcina Pimenta—D. Leonarda de Faria—D. Antonia Sampaio—D. Gloria Sampaio—D. Conceição Sampaio—D. Emilia Miranda—D. Candida Branco—D. Etelvina Branco—D. Julia Branco—D. Maria d'Apresentação Marques—D. Cláudia Rebello—D. Candida Couto e D. Maria Amelia Couto.

Era, como se vê, diminuto o numero das senhoras, porem, estas extremamente amáveis, espi- rituosas e animadas, o que, sem duvida, concorreu para que se passasse uma noite de entusiasmo, de prazer e de saudosa lembrança.

O serviço foi como sempre n'aquella casa profuso e abundante.

A digna direcção que, ao termino do ano da sua gerencia, quiz mais uma vez pa- tentear o seu decidido interesse pela prosperi- dade d'aquella casa, o nosso sincero parabem pela excellente coroação dos seus esfor- ços.

Explicação das charadas do numero ante- cedente:

Morcego—Thomasia.

Binoculo

CHARADE

Comptez et trouvez la compte necessaire—2
Quand elle est bien carée elle n'est pas val- gaire—2

Il a chanté l'amour, la verité, le beau,
Et, maintenant, il dort le sommeil du tom- beau.

A. C.

CORRESPONDENCIAS

Cabeceiras de Basto 14 de Dezembro

Mais uma vez o sr. administrador d'este concelho é alvo da calumnia com que tenta ferir-o o correspondente do *Amigo do Povo*, e d'esta vez é com referencia ao procedi- mento com que este funcionario se houve para com os individuos aqui capturados pe- los crimes de rapto e furto domestico, pra- ticados na cidade do Porto.

Desnorteiam-se os adversarios quando veem que a auctoridade procede com acer- to, recludão e proveito da causa publica, e acreditamos por isso que com o desagra- do do correspondente deve estar muito li- songeado o nosso admiaistrador.

E' já sabido que a diligencia alludida foi desempenhada a requisição da auctoridade policial do Porto e em cumprimento de or- dem superior, e que o crime fôra commet- tido na dita cidade, raptando-se dois me- nores—uma menina de 15 annos e um seu irmão de 11, com subtracção de objectos de valor de casa de seu pae cujo eram. E esa requisição e ordum foram transmitidas em pleno exercicio de attribuições legaes, pois que ninguem pode negar competencia á auctoridade policial d'ali por perseguir os criminosos e investigar do crime, por si e por todos os funcionarios administra- tivos, como fez para este meio directo e indirecto em acto consecutivo ao crime. E d'aqui se vê que não se fez offensa ao arti- go 1023 da N. R. Judicial.

N'este concelho os capturados demora- ram-se apenas o tempo necessario para le- vantar auto das suas declarações, do seu confronto e reconhecimento, da relação e reconhecimento dos objectos subtrahidos e apprehendidos e das declarações d'algumas testemunhas, seguindo elles immediatamen- te depois da sua viagem em direcção á es- tação da auctoridade requisitante.

Mas devia ser na cadeia o levantamento do auto e não no local em que estava esta- cionada a guarda do corpo de policia e ei-

vis que os tinha presos—liz o correspon- dente. Não, não ha lei alguma que fixe a cadeia como lojar obrigado para os inter- rogatorios dos presos nas investigações ad- ministrativas. Fazem-se na secretaria da administração do concelho, nas estações de policia, na propria morada dos magistrados e em qualquer parte que se tiver como mais conveniente a bem da diligencia, aucto- ridade publica. E este proceder não assen- tando no arbitrio mas em a necessidade ou conveniencia do serviço não repugna á lei antes está com ella em perfeita harmonia. Se assim não fosse ninguem podia ser preso, por que a cadeia não está em toda a parte, nem é movel que os empregados transportem para recolherem logo os indi- viduos que vão capturar, a condução dos presos seria carcere privado, e todos os funcionarios que interveem na instrucção e julgamento dos crimes o commettiam, quando fazem ir á sua presença, ao pro- prio tribunal, os encarcerados.

Mas a auctoridade não devia mandar fazer a captura dos criminosos—liz mais o correspondente. Devia rigorosamente; por que além dos motivos que ficam notados accrescia o flagrante de carcere privado em que os raptados menores foram encontra- dos, fechados dentro de uma azenha.

Mas foram demorados por muito tempo n'este concelho—D'accordo e contudo a culpa foi dos presos, que podiam abreviar a diligencia negando o crime e poupar a auctoridade ao trabalho de redigir as de- clarações miuciosas que quizeram fazer, e que foram tautas que foi necessario tra- balhar de dia e de noite incessantemente a fim de aproveitar todo o tempo e tornar com isso o acto menos incommodo para os presos. Oh! abuso horrendo da auctori- dade—preferir esta o seu incommodo por obter o commodo dos desgraçados presos!

Mas devia o auto ser entregue ao juiz d'esta comarca—Não; por que a diligen- cia de captura e remessa dos criminosos era simples commissão e por isso o funci- onario deprecante, a quem o deprecado enviou o auto, é que tinha a entregal-o, co- mo de certo fez, ao juiz criminal compe- tente.

Mas os presos estiveram incomunica- veis—Tambem não; estiveram apenas vigia- dos, antes dos interrogatorios, para não receberem instrucções ou insinuações acer- ca da que deviam responder com referencia aos crimes por que tinham sido presos, o que era indispensavel para a proficuidade da investigação.

Mas—diz ainda o correspondente: os pre- sos foram entregues ao pae dos menores raptados. E' falso; foram entregues ao cabo dos guardas civis tanto os criminosos como os menores raptados, por cuja segurança a auctoridade o responsabilizou, constando este facto de participações officiaes, das quaes o mesmo cabo foi portador.

E' conveniente que se saiba que o re- sultado d'esta diligencia foi o descobrimen- to dos menores raptados, o dos objectos subtrahidos da casa do pae d'elles e por parte dos capturados a confissão d'estes cri- mes com os de carcere privado e estupro. Estas bagatelas!

Aonde está a lei offendida pela auctori- dade, aonde o arbitrio?

Não invocam os erros de educação, os maos conselhos, a má indole dos que pelos seus actos vão collocar-se diante do rigor das leis, mas calunniam a auctoridade por cumprir o seu dever. Não excluam de si os viciosos, os devassos, os ladrões, os homicidas, mas mandam a politica interes- sar-se por elles e promover-lhes a absolvi- ção.

E quem pode extranhar isso se o pro- prio correspondente confessa que os *crimi- nosos tomaram parte mui importante nas ultimas eleições a favor da opposição rege- neradora*. Sim, não contestamos, são uma im- portancia; elles e os seus companheiros mas *principalmente* elles constituem o generalato do partido regenerador n'este concelho. Vene- remos estes apóstolos da impunidade, estes obreiros da desmoralisação, mas acau- telemos as nossas vidas, as algibeiras, as nossas filhas.

Ainda uma circumstancia. Ao chegar a hora da partida dos presos foram dispara- dos dois tiros ou bombas perto d'elles e da auctoridade. Eram onze horas da noite e essa hora, o local, e a lugubre conjunctura excluam toda a ideia de folgueto. O que os disparou sumiu-se por entre as sombras da noite.

Quem seria, quem os mandou dar e para que? O correspondente devia narrar esta circumstancia que é um commentario de muita leve e profusão á intelligencia do seu escripto.

Por hoje basta.

O «Espectro da Granja»—Appare- ceu ha dias na folha do sr. Eduardo Ta- vares uma correspondencia de Braga que, ou foi escripta por algum com a firme inten- ção de desfructar o digao discipulo do illustre Moraes Leal, ou é devida á *glorio- sa* penna do mesino redactor do *Espectro*. Parece-nos isto mais provavel ou antes quasi certo.

Admittindo porem qualquer das hypothe- ses, vamos provar por um processo muitis- simo simples ao sr. Eduardo Tavares que não passa de um desgraçadissimo tolo, quer tenha sido realmente desfructado, quer lhe pertença a paternidade da alludida corres- pondencia.

Não seremos nós os juizes, mas os jornaes que a opposição possui em Braga. Va- mos por isso transcrever, sem alteração de uma virgula, a primeira metade da citada correspondencia, que servirá de corpo de delicto; e convidar os jornaes da opposição d'esta terra a fazerem igual transcripção e a manifestarem a sua approvação ao que ali se diz.

Havendo n'esta terra um jornal legitimis- ta, outro constituinte e outro regenerador, o silencio ou a reprovação dos nossos con- tterraneos não podem ser atalhados de sus- peitos pelo redactor do *Espectro* que defeu- de (?) a politica regeneradora.

Transcrevendo parte d'essa correspon- dencia, temos ainda em vista outro fim. E' mostrar ao sr. Eduardo Tavares o quanto julgamos as suas apreciações inoffensivas para os progressistas d'esta cidade.

O resto da correspondencia não vale a pena de ser transcripto, e muito mecos commentado. Seria tornar esta local dema- siadamente longa e fastidiosa. São as mes- mas parvoíces do costume. Apreciações a *vol d'oiseau* feitas pelo ratazana Tavares, e noticias inventadas pela phantasia sem e trestouca-la do mesmo.

Simplemente reproduziremos a phrase de um espirituoso adversario da Granja, a proposito do que o *Espectro* disse sobre a discussão levantada entre nós e o *Con- stituinte*.—A intervenção de Eduardo Ta- vares produziu-me sensação semelhante á que experimentaria, se visse entrar, em uma sala de visitas tapetada, onde estives- sem conversando pessoas bem educadas, um eguadorio acanhado e barrador, com ta- mancos enlaçezados e barril ao hombro. Fô- ra, bruto!

Vamos concluir com a transcripção pro- mettida. A tal folha regeneradora de Lisboa diz o seguinte:

«A portaria, do ministro do reino ácrea dos jesuitas, apesar de ser o *que toda a gente sabe*, cahiu, como uma bomba, n'esta terra fradesca, onde, para vergonha nossa, ainda ha os nichos pelas ruas com as ve- linhas de cebo. O Pindella ficou fulminado. O seu primeiro acto foi ir ter com o Penha Fortuna [que de passagem lhe direi que tornou a ser eleito presidente da associação catholica] para combinarem no melhor de não alarmarem o povo beato. Do que com- binaram não sei; mas consta geralmente que fizeram saber ao governo, que não respondiam pelas consequencias, se elle teimasse em fazer cumprir a decantada portaria.

«Como sabe, além de diversos institutos que são inspirados pelo jesuitismo de ca- saca e de batina, ha aqui um grande col- legio dirigido por jesuitas, e que tão pa- trocinados são pelos que podem dispen- sar-lhe protecção valiosa, que estão cons- truido um bello edificio, vasto e per- feitamente delineado, na rua de Santa Mar- garida, em frente da casa do brasileiro Simões. E' ali que estão os filhos de quasi todos os magnatas do Minho, e o Pindella arreceia-se de que, bulindo com os jesuitas, insurja contra si todas essas influencias. O que todos presumem, é que, aqui, a por- taria, ou se não cumprirá, ou fingirão que a cumprem, mas sem resultado algum.

«Eu preso-me de ser christão; mas como liberal envergonho-me de ser filho d'este nicho de reacção, onde o fanatismo cada vez mais se alastra, e onde até a gente mais illustrada cede aos prejuizos de uma educação fradesca!

«Basta ver como se fazem aqui certos enterros, indo o cadaver exposto ás vistas publicas, para se perceber logo que se está n'uma terra explorada por padres, e, mais do que explorada, dominada. Depois o es- pectaculo do *terço*, as celebres *via-sacras*, e as cantigas ao *divino* no S. João e S. Thia- go: tudo, tudo inculca que estamos longe da civilisação, que já avassalou uma grande parte do paiz.

«As peregrinações ao Sameiro, os mila- gres inventados e revelados a meia voz, os *santinhos* que estão sempre a apparecer e a serem cobertos de flores pelo povo, que lhe vae enterrar alfinetes nas mortalhas, todo

isto revela um atrazo, ou antes um estado vergonhoso que devia preoccupar um governo, que não firmasse n'esses elementos de retrocesso a sua influencia local.

«Um episodio vou eu contar, que explicará áquelles, a quem parecer exagerado o que venho de referir o que por cá vae em materia de fanatismo.

«Na igreja do Populo ha uma imagem do senhor dos Afflicto, que é de muita devoção para esta gente. Tem, como todas as imagens, o seu mialheiro, no qual cahe annualmente uma somma consideravel.

«Quando chegou a Senhora da Conceição, com destino ao Sameiro, foi exposta aos fieis n'aquella igreja, mas, como era uma linda imagem, começou a fazer concorrência á do Senhor dos Afflicto, cujo rendimento começou a diminuir, porque as esmolas cabiam de preferencia na bandeja da Senhora. Pois ia havendo um conflicto e os de Sameiro tiveram de apressar a retirada da imagem para evitar um escandaloso!

«Para o Sameiro vão agora em peregrinação os cegos, os aleijados, todos os affectados de enfermidades incuraveis. Vem de lá são e escorreltos! Voltamos a estas pias fraudes! Vergonha; vergonha!

«Uma viuva d'aqui deu oito contos para se construir uma capella no quintal do padre provincial Meli. Não quer pagar a respectiva licença. Faz elle muito bem. Manda quem póde. Não tenho mais nada que dizer.»

Não commentamos.

Destacamento—Foi reforçado com mais 60 praças de infantaria 18, o destacamento que se acha em Guimarães.

Toda a força que ali se acha ficará debaixo do commando do major do mesmo corpo.

Obito—Faleceu em Vianna do Castello a sr.^a D. Anna Joaquina Pereira, mãe do nosso amigo e leal correlegionario o revd. padre José Maria de Barros, digno prior da freguesia de Monsarrate, d'aquelle concelho.

A finada era um modello de virtudes, e muito respeitada pela sua excessiva caridade.

Ao inconsolavel filho, os nossos sentidos pezames.

Tambem faleceu n'esta cidade a sr.^a D. Maria d'Almeida, mãe do sr. dr. Constantino Ferreira d'Almeida, distincto advogado nos auditorios d'esta cidade.

Os nossos pesames.

Novo theatro—Em Villa Nova de Cerveira vae edificar-se um novo theatro, por meio d'uma subscripção.

Conferencia litteraria—No proximo mez de janeiro devem começar na Sociedade Democratica d'esta cidade, as conferencias litterarias, que tam animadas estiveram no inverno ultimo.

Associação Catholica—Teve, domingo, lugar a reunião magna dos membros da associação catholica, como é costume, todos os annos, e na conformidade dos annos anteriores houve 5 conferencias que duraram das 7 ás 11 horas da noite.

Achando-se reunido, na sala da relação ecclesiastica, grande numero de pessoas, e sendo 7 horas foram o sr. presidente e vogaes da direcção convidar s. exc.^a revd.^a a tomar parte n'esta solemnidade, acompanhando-o até á sala, onde tomou o lugar d'honra.

N'esta occasião tocou a musica dos srs. Esmerizes o hymno de Nossa Senhora da Conceição, e em seguida uma symphonia.

Terminada esta, tomou a palavra, subindo á tribuna, o reverendo Martins Capella, ex-abbade da Carvalheira, e actual professor no collegio da Formiga.

O illustre conferente mostrou muita instrução e recursos oratorios, usando de uma phrase muito polida e apropriada; mas o odio que mostrou ter ao liberalismo e á imprensa periodica, aconselhando aos catholicos que empregassem todos os meios para não serem comprados, nem lidos os jornaes que não eram religiosos, assim como as invectivas dirigidas a todos os governos, que não permitiam a associação dos jesuitas, causaram impressão muito desagradavel na maioria do auditorio.

A este seguiu-se o sr. dr. Novaes de Barcellos.

A these foi a unidade da especie humana.

O illustre conferente mostrou-se á altura do assumpto; pois que as doutrinas de Comte, Lamarck, Cuvier, Oken, Geoffroy Saint-Hilaire, Darwin, Hœckel, Agassiz, Quatrefages, Bukner, Wallace, Muller, Broca, etc. etc. não lhe eram extranhas.

Foi comparando as diversas theorias ou sistemas e concluindo que só os individuos resultantes do cruzamento da mesma especie eram prolificos, circumstancia que se dava em todas as raças de especie humana, que o sr. dr. Novaes provou a sua these. Valeu-se para tal fim tambem da linguistica, seguindo, nos parece, Hovelacque.

Podemos dizer que o illustrado conferente foi eloquente e fogoso, mas que achamos o seu discurso inadequado á commemoração d'aquelle dia, e só proprio para uma academia scientifica.

Depois das impressões agradaveis que no nosso espirito produzira o talento e estudo do jovem orador, veio uma decepção terrivel esmagar-nos: foi quando affirmou que as grandes descobertas e desenvolvimento scientifico, não pertenciam a este seculo, mas aos passados, recordando para esse fim a *vaccina*, e esquecendo tudo quanto os vindouros hão de agradecer aos seus antecessores do seculo 19.

Ficamos desconfiados de se o sr. dr. Novaes ainda espera por D. Sebastião.

Terminado o discurso, foi o distincto orador grandemente applaudido com uma salva gera' de palmas.

O sr. padre Coelho foi o conferente que se seguiu.

Tomou para these—Influencia do Christianismo sobre as letras. Provou o que póde: apresentou a biblia como o melhor modelo d'história e litteratura, de poesia, etc. etc. citou papas poetas, clérigos sábios, no que concordamos, mas esqueceu-se da perseguição que soffreram grandes sábios, grandes poetas, descobridores, etc. etc.

Porque se não confessará que Deus não deu o monopolio da sciencia a nenhuma classe, nem seita, e que a igreja nem sempre respeitou a liberdade de pensar e d'expressão ao publico os factos do estudo, do trabalho, da intelligencia?

Feitos estes reparos, podemos dizer que o sr. padre Coelho tem estado, dotes oratorios, e que foi tambem muito applaudido.

O 4.^o conferente foi o sr. padre Mendes, que escolheu um assumpto muito sympathico, a educação religiosa das crianças. Conhecemos e todos conhecemos tambem que o estudioso conferente era a primeira vez que fallava a um auditorio tão numeroso; Assim tambem o declarou no principio da sua conferencia.

As ordens religiosas merecem-lhe especial sympathia, por isso entendeu que ellas poderiam prestar o melhor serviço na educação religiosa.

Será bom que procurem outro meio porque a opinião geral não está para ali virada e não passa mal sem conventos.

O sr. padre Mendes bem sabe que o ensino particular sustenta muita gente, e que já alguns collegas seus, depois de exercerem o professorado, foram para a universidade, onde estão honrando e distinguindo a classe ecclesiastica. A coisa, pois, sem conventos não é tão má como a pinta.

Terminada que foi a conferencia, o auditorio fez justiça aos merecimentos do sr. padre Mendes, applaudindo-o.

O ultimo conferente foi o sr. padre Baccellar que, na verdade, entrou no assumpto do dia, felicitando e louvando a Virgem Maria pela perogativa sem exemplo da sua Immaculada Conceição, o que lhe fez merecer uma frenetica salva de palmas. Depois mostrou a necessidade que houve de definir o dogma da Immaculada Conceição de Nossa Senhora, a oportunidade da definição, e provou que Maria Santissima sendo escolhida por Deus para mãe do seu divino filho, devia ser concebida sem macula do peccado original.

Por fim, terminou levantando vivas á associação catholica, a todos os conferentes, ao presidente da direcção, a todos os catholicos, ao auditorio e a Portugal por ter por padroeira Nossa Senhora da Conceição.

E com muitas palmas e vivas terminou este anno a reunião magna da Associação catholica de Braga, sendo 11 horas da noite.

O sr. arcebispo já se tinha retirado, pelas 9 horas, depois de terminado o discurso do sr. dr. Novaes.

O «Espectro do sr. Tavares»—Affirma o *Espectro* que exultamos, sabendo que o sr. Eduardo Tavares, se resolvera, embora tardia-mente, a pagar á Assembléa Bracarense uma divida que não se atreve a negar.

Infelizmente para nós já passou essa formosa epocha da vida, que se chama a idade das illusões. Francamente, nunca nos convencemos de que o sr. Tavares estivesse re-

solvido a pagar. Por isso não chegamos a soffrer o desgano.

Quem certamente teve um grande alegrão, quem deveras sentiu extraordinario alvoroço, foi sem duvida aquele ingenho cobrador, a quem o sr. Tavares prometteu pagar em dia e horas posteriores á sua partida de Braga.

Esse homem cheio de illusões, esse cobrador-poeta, chegou a escrever-lhe para Lisboa! E' elle um verdadeiro espectro do sr. Tavares, que o ha de perseguir em sonhos, que lhe ha de fazer murchar nos labios o sorriso, nas horas silenciosas da noite, em que o sr. Tavares não costuma louvar o Eterno, mas louva o sr. Cócó, cujos pasteis vae applicando á sustentação do *Espectro*, coisa realmente muito menos saborosa.

Em conclusão, o sr. Tavares não paga. Podia satisfazer essa quantia pelo mesmo modo que indica aos seus assignantes, por estampilhas ou pelo correio. Não o faz. E mostra tão pouco senso, que ainda depois vem chasquear sobre o caso.

Tambem não commentamos.

Asylo d'infancia desvalida de D. Pedro 5.^o—Temos presente o relatorio e contas d'este importantissimo e sympathico estabelecimento d'educação e ensino para meninas desvalidas.

E' realmente prospero e promettedor o seu estado, não pelos fundos que o estabelecimento possui, mas pela dedicacão e zelos da direcção, como pela caridade das pessoas que com generos e dinheiro, tem concorrido para que os fundos se conservem e possa fazer-se o novo edificio sem diminuição n'elles.

O numero das asyldas ficou sendo em 30 de junho do corrente anno de 52, numero avultadissimo para um estabelecimento que conta uns 20 annos de existencia e que fuctou muito tempo com grandes difficuldades.

Reservando-nos para, em occasião opportuna, dar publicidade ao relatorio, não devemos todavia deixar passar este ensejo sem publicar os nomes dos benemeritos, sollicitos e zelosos directores do asylo d'infancia desvalida de D. Pedro 5.^o.

São elles—os exm.^{os} srs. dr. José Maria Rodrigues de Carvalho—presidente. José Maria Gomes Bello e Francisco José Vieira de Carvalho—secretarios, Francisco Antonio d'Araujo Reis—thesoureiro; Antonio Joaquim Moreira, Antonio José Gonçalves Braga, Antonio Vieira d'Araujo, Domingos José Ferreira Braga, Felix Antonio da Rocha, Francisco Dias Lima, João Luiz Pipa e Jose Pinto Barbosa—Vogaes.

Pela boa educação das asyldas, pelo aceso, limpeza e boa ordem em que se encontra sempre o estabelecimento, são dignos de todo o louvor as exm.^{as} senhoras regentas e professoras.

Missa funebre—No 2.^a feira, teve lugar na igreja do Hospital de S. Marcos, uma missa de *requiem* pela alma do virtuoso e sabio arcebispo que foi de Gôa, o exm.^o sr. D. Ayres Ornellas.

Foi celebrante o sr. conego Figueiredo, amigo particular e condiscipulo que foi do venerando e joven prelado. Foi tambem s. exc.^a que dirigiu os convites para este acto funebre a que assistiram muitas pessoas de todos os partidos, tanto pelo respeito que lhes inspiraram sempre as virtudes do illustre, modesto e sabio finado, como pela amizade que consagram ao sr. conego Figueiredo.

Errata—Nos versos do sr. Rebello Barbosa publicados no antecedente numero d'este jornal, sabiam alguns erros que hoje rellificamos—onde se lê:

... nos paramos da alma...

deve ler-se:

Que vibra e que se estende aos paramos da alma...

THEATRO DE S. GERALDO—Em beneficio dos actores Joaquim M. da Silva e João Antonio da Costa, sobe hoje a scena o drama em 3 actos LUCIA DIDIER, e a comedia—Afflicções d'um procurador.

ANNUNCIOS

Linda e bem situada propriedade

Vende-se uma linda propriedade, curada, com agua encanada, grande quantidade de arvores fructiferas e bouça independente.

Esta magnifica propriedade que está situada na freguesia de Carrasedo, lugar do Monte, concelho d'Amareis, pertenceu ao finado João José Joaquim da Silva Lobo, da mesma freguesia.

Egualmente se vende uma morada de casas, na rua do Conselheiro Januarico com o n.^o 42 A 42 B, pertencente ao mesmo finado.

Quem as pertender e queira tractar pode dirigir-se a D. Carolina da Silva Lobo, na mesma casa, ou a Feleciano José de Sousa, Rua Direita da Cruz de Pedra n.^o 67. (246)

Assembléa Bracarense

Não se tendo reunido a assembléa geral d'esta sociedade—em numero legal—no dia 12 do corrente, para que fôra convocada, em conformidade com o disposto no artigo 3.^o dos seus estatutos, d'ordem do exm.^o presidente da mesma Assembléa, são por este modo novamente convocados todos os seus socios para o dia 22 do corrente mez, pelas 6 e meia horas da tarde.

O 1.^o Secretario (248)

A. L. da Costa Pereira de Vilhena

Arremataçào

A direcção do Asylo d'Infancia desvalida de D. Pedro 5.^o faz publico que no proximo domingo 26 do corrente pelas 11 horas da manhã, se procederá a arremataçào em hasta publica no claustro do extincto convento da Penha, de vinte e duas columnas de pedra que sustentavam a cornija da varanda do dito claustro e servem actualmente para formar latadas, para o que se prestam perfeitamente.

Braga 20 de dezembro de 1880.

O Secretario

José Maria Gomes Bello. (251)

Arremataçào

A direcção do theatro de S. Geraldo, faz publico que no dia 26 do corrente, pelas 11 horas do dia, e no salão do mesmo, se tem de proceder á arremataçào do theatro, para os bailes e divertimentos do carnaval, a contar do 1.^o de janeiro proximo, até ao ultimo dia do carnaval. Quando não convenha aos licitantes a arremataçào pelo tempo designado, a direcção recebe propostas em qualquer sentido para o indicado fim.

Braga 18 de dezembro de 1880.

Antonio Santos d'Azevedo Magalhães.

Antonio José Pereira de Magalhães Junior.

Alberto Carlos Leite Pereira. (250)

Novo estabelecimento de Ourivesaria

Feleciano José de Sousa, caixeiro que foi do antigo ourives João José da Fonseca, abre por toda a semana proxima o seu novo estabelecimento de ourivesaria na rua Nova de Sousa n.^o 17 A 17 B.

Compra e vende objectos d'ouro e prata e fabrica toda e qualquer obra concernente á sua arte.

O annunciante espera a coadjuvaçào des seus amigos. (247)

MANTEIGA DO TORREMO

EM LATAS DE 439 grammas

DEPOSITO RUA NOVA-2

(249)

HOTEL DO PARQUE

NO

BOM JESUS DO MONTE

Este acreditado estabelecimento pelo acceio, bom serviço e modicidade de preços continúa, na quadra presente a servir com as mais variadas iguarias, os seus hospedes.

Tabacaria Bracarense

27—RUA DO SOUTO—27

Esquina da rua do Jano

BRAGA

Redução dos preços dos rapés
Companhia Nacional em Xabregas

Rapé meio grosso em.....	250 gr.	400
« Fino.....	«	400
« Manipatão 2.ª.....	«	490
« Cruz de Malta.....	«	440
« Manipatão 1.ª.....	«	480
« Secco.....	«	570

LEALDADE:

« Vinagrinho e meio grosso	«	300
« Miguel Augusto.....	«	240
« Boa-fé.....	«	260

Especialidade em charutos Havana e da Bahia

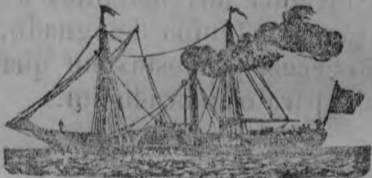
Deposito de tabacos de todas as fabricas

Grande desconto aos snrs. estaqueiros

DEPOSITO DE PAPEL DE RUAS

Papel de embrulho—Idem costaneira—Idem almoço, lizo e pautado—Idem fino, marca pequena e grande—Idem de jornal—Idem de impressão de livros—Idem de diversas cores.

Remettem-se amostras a quem as pedir.
Preços sem competidor. (236)



Agencia da Companhia Real do Pacifico Maritima

Os paquetes que seguem viagem para os portos do Brazil, saem da Lisboa nos dias 13 e 27 de cada mez.

Os passageiros tem caminho de ferro gratis até Lisboa. São recomendaveis estes paquetes, pela boa ordem e excellentes commodidades.

Quem quizer tractar queira dirigir-se ao UNICO Agente em Braga, Francisco Alves Pinheiro, Praça do Barão de S. Martinho n.º 2, em frente do Banco do Minho.

Braga 7 de Dezembro de 1880.

Francisco Alves Pinheiro. (240)

Grande Hotel

NO

BOM JESUS DO MONTE

Abriu-se este importante estabelecimento. Offerece acceio, bom serviço e modicidade de preços.

(183)

A AGENCIA DE PUBLICIDADE

EMPRESA—CARVALHO & VIEIRA

ESCRITORIO—Praça de D. Pedro n.º 23

(ENTRADA PELO PORTÃO N.º 24)

ENCARREGA-SE

DE

ANNUNCIOS NOS CAMINHOS DE FERRO E THEATROS

Por o contracto exclusivo que tem com os caminhos de ferro do Minho, Douro e Pova Theatros d'esta cidade e Palacio de Chrystal, só a Agencia pode collocar quadros e cartazes nas respectivas estações, wagons, salas d'espera e atrijs, para o que a Agencia estabeleceu os preços seguintes.

Por cada quadro em qualquer dos locais (das dimensões de 0,50 de comprimento, por 0,36 de largo), por mez.....	200
Sendo de maiores dimensões (quadro fornecido pelo annunciante), por mez..	300
Quadros em 15 logares á escolha do annunciante.....	2500
« em todas as estações e theatros.....	4500
« em todos os wagons.....	5500

Os quadros dos wagons medem 0,30 de comprimento por 0,175 de largo. Os quadros são fornecidos gratuitamente pela Agencia, de cuja conta é tambem o trabalho de envernizar o annuncio, a sua collocação e conservação. O impresso é fornecido pelo annunciante.

O contracto não pode ser por menos de 1 anno, mas caso o annunciante queira mudar o annuncio em prazos convencionados, pagará sómente por isso uma pequena percentagem previamente combinada.

Cartazes nas esquinas das ruas

Nos quadros que a mesma Agencia tem pelas esquinas da cidade collocam-se cartazes pelos seguintes preços:

Até 5, por cada um.....	400
De 5 a 25 sem responsabilidade de conservação.....	1500
« « com responsabilidade por um mez.....	4500

Os sellos são pagos pelo annunciante, salvo aquelles que for necessario reformar quando haja responsabilidade de conservação.

Annuncios em jornaes das provincias

Recebe annuncios para todos os jornaes da provincia sem que o annunciantes pague mais do que a importancia do annuncio devidamente comprovada pelos recibos das respectivas administrações.

Querendo o annuncio em mais do que n'um jornal, basta mandar a nota do annuncio com a declaração das terras onde o quer publicar, que a Agencia encarrega-se de tirar as competentes copias.

TRADUCCÕES

Encarrega-se a mesma Agencia de qualquer traducção do inglez, francez ou hespanhol

A administração d'este jornal, representante da Agencia de Publicidade, recebe annuncios para todos os jornaes das provincias e toma o encargo dos serviços que a mesma Agencia offerece.

COLLEGIO FRANCEZ

316, Rua de Santa Catharina, 320

PORTO

(NUMERO LIMITADO DE ALUMNOS)

Edificio dos melhores—Vasto e magnifico local situado no bairro mais ventilado da cidade—Banhos—Gymnasio—Trinta pensionistas o maximo—Prepara-se a todos os exames á carreira commercial—Vida em familia—Cuidados hygienicos e de educação, ministrados com carinho maternal—Tractamento optimo—Disciplina rigorosa—Vigilancia activa—Cuidados especiaes para com os alumnos de compleição delicada—Professores distinctos, estrangeiros, internos para com o ensino e cultura das linguas allemã, franceza e ingleza—Falla-se só as linguas mencionadas.

Para informações e programmas, dirigir-se ao director (244)

Carlos Luz d'Archanbeau.

HOTEL NOVO LISBONENSE

Aceio Conforto e Barateza

LARGO DOS MARTYRES DA PATRIA (Cordoaria) N.º 65

Esquina da viella do Assis)

Estabelecido no rico palacete do fallecido medico Assis, este novo hotel proporciona ás pessoas que se dignarem frequental-o as melhores commodidades e excellentes serviços.

JANTARES DE MESA REDONDA A'S 3 E 5 HORAS DA TARDE

Como restaurante, esta casa apresenta sempre variada e escolhida refeição, servida boa lista a qualquer hora.

(153)

SEM COMPETENCIA

ALGODÕES

Pereira, Aguiar & C.ª, tem o deposito de fabrica do Bogio, que vende por junto e a retalho [não sendo menos de meio maço], pelo preço da fabrica.

Algodões torcidos de todos os numeros Tramas.

Tramas cruas e branqueadas de todos os numeros.

Estes algodões tornam-se recommendaveis a todos os consumidores, por que são os melhores até hoje conhecidos; e tanto o tem mostrado que para o Porto tem tido tanto consumo que é impossivel cumprir as encomendas.

O fim da fabrica é tornar os seus algodões conhecidos em toda a parte do paiz, por que tem a certeza de que os consumidores lhe darão sua preferencia. [118]

Pera secca de Vizeu

Vende-se no estabelecimento de Cerqueira da Silva & Gonçalves, largo da Lapa n.º 1, pelos preços seguintes:

15 kilos.....	4\$800 reis
500 grammas.....	200 «

ARMAZEM DE VINHOS

DO ALTO DOURO

DA CASA DE VILLA POUCA

Rua do Souto n.º 15—Braga.

N'este armazem se encontram a retalho as seguintes qualidades de vinhos engarrafados:

Vinho tinto de meza. (sem garrafa)	150
« « « « «	190
« Lagrima.....	200
« Branco de meza.....	210
« tinto de meza fino.....	270
« de prova secca.....	300
« Malvasia de 2.ª.....	360
« « velho.....	400
« Malvasia, Bastardo, e Moscatel a	500
« Roncão.....	700
« Alvaralhão.....	500
« Velho de 1854.....	600
« a retalho para meza a 60 e 80, o	
quartilho tinto, e branco	120.

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chimico. (15)

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principiar em 8 reis a peça.

Vende oleo, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (8)

Atenção

Na rua do Souto n.º 38, vendem-se caixões vazios, por preços modicos.

Está habilitado na forma da lei.

IMPRESA COMMERCIAL

24—Rua Nova de Sousa—24